

## EUGENIA! IN HOC SIGNO VINCES - UM ASPECTO DO DISCURSO SANITÁRIO DA ENFERMAGEM, 1932 a 1938\*

Telma Ribeiro Garcia\*\*

---

**RESUMO:** Discute-se a vinculação do movimento eugenista às políticas e práticas de saúde desenvolvidas no Brasil, nas primeiras décadas do século XX; e as concepções das enfermeiras acerca do eugenismo e do seu papel social no “aperfeiçoamento da raça”, veiculadas através dos *Anais de Enfermagem* editados no período de 1932 a 1938. Observou-se haver uma estreita vinculação entre os discursos das enfermeiras e o dos “intelectuais do movimento eugênico”, presente na concepção de que a ciência eugênica desempenhava um papel fundamental para o progresso do Brasil, condenado ao atraso se os “males sociais” não fossem higienizados; na adjetivação preconceituosa e carregada de moralismo, utilizada pelos dois grupos ao se referirem aos “causadores da degenerescência da raça”, enfim no entendimento de classe pobre como classe perigosa.

**ABSTRACT:** The author discusses the linkage between eugenist movement and health politics and practices carried out in Brazil, on the first decades of the 20<sup>th</sup> century; and nurses conceptions about eugenics and their social role to “race improvement”, propagated through *Anais de Enfermagem* edited from 1932 to 1938.

---

### 1. INTRODUÇÃO

A idéia de estudar o discurso eugênico da enfermagem, surgiu a partir das leituras realizadas durante a disciplina Análise Crítica da Evolução da Assistência de Enfermagem, do Programa de Doutorado Interunidades - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Em um primeiro momento, este trabalho teve a finalidade acadêmica de atender um dos requisitos de avaliação dessa disciplina.

A partir do pressuposto de que a concepção e a proposição de alternativas educacionais e de assistência à saúde não surgem por acaso, devendo a sua determinação ser buscada no conjunto das relações que constituem o todo social, a disciplina objetivou “analisar historicamente a enfermagem e suas relações com a prática de saúde no Brasil, à luz da assistência, ensino, administração e produção científica, avançando ainda na análise da tendência das temáticas de investigação em enfermagem e do novo paradigma da prática profissional”.

Durante essa evolução histórica, um aspecto sempre ressaltado foi o de que, ao longo do tempo, a enfermagem esteve “navegando” ao sabor das políticas e práticas de saúde adotadas pelo Estado brasileiro, absorvendo e reproduzindo os valores e a ideologia e contribuindo para a realização do projeto de sociedade da classe dominante no país.

No primeiro período estudado (1900 a 1939), observou-se como o método positivista de investigação e de raciocínio tornou-se hegemônico na orientação das políticas estatais a partir de 1900, com as estratégias de combate à febre amarela, à cólera e à varíola; e como as práticas de saúde representavam, essencialmente, a tutelarização moral e intelectual e o controle da saúde e dos corpos das classes mais pobres, para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas.

Nesse mesmo período, ocorre o advento da Enfermagem Moderna no país. Seu surgimento esteve estreitamente ligado à prática médica, esperando-se

---

\* Trabalho apresentado no 45º Congresso Brasileiro de Enfermagem, Recife-PE, 28 de novembro a 3 de dezembro de 1993.

\*\* Doutoranda do Programa Interunidades - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Professora Adjunta IV do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública e Psiquiatria - CCS/UFPB.

que as enfermeiras, ao se formarem, executassem “os trabalhos técnicos do Departamento Nacional de Saúde Pública e a educação sanitária das famílias, como continuidade do trabalho iniciado pelos médicos, nos novos consultórios previstos na reorganização dos serviços de saúde”<sup>(1)</sup>.

Dentre a bibliografia procurada para a compreensão desse período histórico da evolução da prática de enfermagem (assistência, ensino, administração e produção científica), os Anais de Enfermagem, órgão oficial da então Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), despertaram-nos um grande interesse. Durante sua leitura, fomos observando que, à época, no discurso produzido pela enfermagem como expressão de sua preocupação com o social, se repetia, sistematicamente, a “conveniência urgente de reforçar as legiões defensoras da Eugenia no Brasil”.

Isto coincidia com leitura efetuada anteriormente a respeito da trajetória da educação popular nas instituições de saúde, onde CANESQUI<sup>(3)</sup> afirma que, nesse período, a história das instituições de saúde mostra, no âmbito da Saúde Pública, uma pedagogia de saúde calcada nos princípios da Eugenia e da higiene, detendo esta pedagogia bases moralistas. Assim sendo, dispusemo-nos a aprofundar o estudo deste assunto, ao que saibamos ainda não evidenciado em literatura nacional específica da enfermagem.

Os Anais de Enfermagem, utilizados como fonte de dados para este estudo, surgiram em 1932, a partir do esforço de Edith Fraenkel, Zaira Cintra Vidal e Rachel Haddock Lobo. Inicialmente, os obstáculos enfrentados, como escassez de recursos financeiros e reduzido número de profissionais com dedicação a esse tipo de tarefa, tornaram sua publicação muito irregular. De 1932 a 1938, período que se estipulou para a pesquisa do discurso eugênico da enfermagem no Brasil, foram publicados 15 números: em 1932, 1933 e 1936, um número a cada ano; em 1935 - dois números; em 1934 e 1937 - três números a cada ano; em 1938 - quatro números, sendo que os números 13 e 14 foram publicados em um só volume. De 1941 a 1945, a publicação foi interrompida por falta de condições financeiras, dado o alto custo do papel, em decorrência da II Guerra Mundial. Voltam a ser reeditados a partir de 1946 e, em 1954, passam a denominar-se Revista Brasileira de Enfermagem. Embora irregular quanto ao número de revistas editadas a cada ano, a publicação tem se mantido sem interrupção, sendo o principal veículo de comunicação dos profis-

sionais de enfermagem<sup>(7)</sup>.

A determinação do período de 1932 a 1938 para a realização da pesquisa deveu-se, em primeiro lugar, a uma razão prática - a Biblioteca Central da USP / Campus de Ribeirão Preto e a Sala de Leitura Glete de Alcântara EERP/USP - não dispunham, de imediato, dos números dos Anais de Enfermagem, editados nos anos de 1939 e 1940; em segundo lugar, ao conhecimento de que talvez tenha sido exatamente no período de 1932 a 1938 que os “ideais eugênicos” alcançaram o auge - é mister lembrar que, em 1933, o nacional-socialismo ascendia ao poder na Alemanha e a ideologia racista e ultranacionalista imposta por Hitler preparava o campo para a II Guerra Mundial, guerra eugênica por excelência.

## 2. EUGENIA: HISTÓRIA E EXPANSÃO

Em seu sentido estrito, a Eugenia é a ciência das condições que melhor podem favorecer a reprodução humana e melhorar a raça. Do ponto de vista médico, é a profilaxia das doenças hereditárias, intervindo medicamente sobre a reprodução dos indivíduos e as suas alianças conjugais. O fundamento científico da Eugenia está na heredologia aplicada à hereditariedade humana, normal ou patológica. Seu pressuposto maior é que as doenças hereditárias só podem ser prevenidas evitando-se o nascimento dos portadores dos respectivos *genes*, e impedindo-se a conjugação de troncos familiares consanguíneos com as mesmas tendências mórbidas<sup>(8)</sup>.

A Eugenia teve origem na Inglaterra, sendo seus principais representantes Francis Galton e Karl Pearson. Em 1865, narra FONTENELLE<sup>(6)</sup>, Francis Galton demonstrou que “as qualidades mentais são herdadas, tal como as físicas” e, em 1869, acentuou “a necessidade e a possibilidade de melhoramento das qualidades naturais da espécie humana”. Coube também a Galton, em 1883, “formar a palavra que deveria individualizar esta parte da higiene, que também pode ser chamada a higiene da raça” - EUGENIA (do grego eu, bem e geros, gerar).

De acordo com Bernal apud COSTA<sup>(5)</sup>, Galton e Pearson

*trataram, essencialmente, de justificar, através de um discurso higiênico, a posição social das classes superiores e média, que começavam a ver-se ameaçadas pela agitação igualitária socialista, provando que eram geneticamente superiores às classes baixas.*

A partir da Inglaterra, o Eugenia começou a ser praticada em outros países europeus como Suíça, Noruega, França, Itália, tomando máxima extensão na Alemanha, em 1934, quando se determinou a esterilização obrigatória, feita pelo Estado, de todos os doentes hereditários, e durante o movimento nazista liderado por Adolf Hitler, com sua doutrina a respeito da pretensa superioridade da raça ariana.

Ultrapassando as fronteiras européias, outros países organizaram associações científicas para a propaganda e esclarecimento dos ideais eugênicos, reclamando e obtendo a execução de medidas que garantissem o melhoramento das futuras gerações. Assim é que nos Estados Unidos, conforme narrativa de FONTENELLE<sup>(6)</sup>,

*uma pequena operação torna homens e mulheres incapazes de procriação, medida que tem sido executada principalmente nos estados de Indiana e da Califórnia.*

O movimento eugênico alcança o Brasil no final da primeira década do século XX. Aqui, segundo FONTENELLE<sup>(6)</sup>

*também se cuidava do assunto, devendo ser citado o nome de Renato Kehl que iniciou em São Paulo a propaganda da Eugenia, e continuou depois, no Rio de Janeiro, a batalha pelos ideais de Galton.*

Outros eugenistas exponenciais à época também podem ser citados, o próprio J.P. Fontenelle, Afrânio Peixoto, Gustav Riedel e Miguel Couto, entre outros.

### 3. EDUCAÇÃO SANITÁRIA E EUGENISMO NO BRASIL

O período que corresponde dos finais do século XIX, até os finais da década de 30 do século atual, pode ser definido, no Brasil, como de hegemonia das políticas de Saúde Pública, com predomínio de práticas sanitárias direcionadas para a eliminação de doenças endêmicas ou epidêmicas, que ameaçavam colocar por terra o projeto de modernização do país e de remodelação da capital da República.

A moderna prática da “gestão científica”, então implantada, entendia que o saneamento e as transformações urbanas, não precisavam ter grandes compromissos com a melhoria das condições de vida de uma massa enorme de pessoas, escolhendo cuidadosamente seus “beneficiários”, e priorizando exatamente a erradicação das doenças que mais dificultavam, não só a entrada de imigrantes europeus, mas tam-

bém, o investimento no país de capitais provenientes do exterior. Mesmo que alguns dos “reformadores da cidade” agissem movidos por convicções íntimas, e tivessem conseguido vitórias significativas contra doenças como a febre amarela e a varíola (como é o caso de Oswaldo Cruz), esses resultados foram obtidos muitas vezes a preços sociais excessivamente elevados<sup>(4)</sup>.

Nos anos 20 e 30, consolida-se o papel da educação sanitária no âmbito da saúde pública, calcada em uma concepção pedagógica que assumia que saúde é ensinada e forma hábitos sadios, detendo esta pedagogia bases moralistas; e nos princípios da Eugenia e Higiene, tratando de preservar uma raça sadia e higiêna.

Em 1923, durante a realização do I Congresso Brasileiro de Higiene, foram discutidas

*preocupações centrais do agressivo movimento intelectual dos higienistas: os problemas da higiene infantil, da alimentação na idade pré-escolar e escolar, indicações higiênicas para a remodelação das cidades e o controle institucional sobre tuberculose, leproso e portadores de doenças venéreas<sup>(5)</sup>.*

Progressivamente, a higiene assumia como de sua atribuição, além da criação de hábitos sadios, o combate às “taras sociais” e a realização das grandes aspirações sanitárias do Estado: a robustez do indivíduo e a virtude da raça. Como principais alvos: a criança, o imigrante e as “raças inferiores”; como principal discurso: o eugenismo; como instrumento: a higiene da raça.

Esse movimento intelectual influenciou decisivamente os rumos tomados pelas práticas da higiene social e educação sanitária até meados dos anos 40, a ele interessando a possibilidade de utilização de todos os conhecimentos, no sentido de melhorar física, mental e racialmente as futuras gerações brasileiras<sup>(5)</sup>.

Os ideais eugênicos e os meios recomendados pelos eugenistas para promover a “melhoria da raça” podem ser exemplificados em seus discursos.

FONTENELLE<sup>(6)</sup> acredita que “o esforço da Eugenia terá de fazer-se de dois modos: por ação negativa ou restritiva, e por ação positiva ou construtiva. A ação eugênica restritiva compreende três medidas principais: a *regulamentação do casamento*, visando impedir a união dos epiléticos, dos idiotas, dos alienados, dos deficientes mentais, etc.; a *segre-*

gação em asilos dos que são incapazes de ter descendência normal, medida que traria despesas consideráveis se tivesse de ser aplicada com a devida extensão; e a esterilização, para impedir a propagação dos anormais e deficientes, meio que corresponde à medida radical dos espartanos, quando precipitavam no Eurotas as crianças que nasciam com defeitos físicos. A ação eugenética construtiva é baseada sobretudo na *educação higiênica* e na propaganda dos princípios da Eugenia e da hereditariedade. A importância do exame médico pré-nupcial deve ser largamente divulgada e até, mais tarde, exigido esse por lei especial”.

Em 1937, Renato Kehl apud COSTA<sup>(5)</sup>, assim resume o projeto de higiene eugênica: “Para melhorar um povo, torna-se necessário, entre outras medidas, infundir no espírito público a consciência eugênica da reprodução, ou seja, a consciência da responsabilidade na procriação. Só deve ter filhos quem está apto para dar nascimento a seres bem dotados. Nem toda gente, infelizmente, se encontra na altura de compreender esta verdade elementar e praticá-la independente de injunções legais, por isso, *tornam-se necessárias medidas determinantes*, dispondo a obrigatoriedade do exame pré-nupcial, medida esta, aliás, mais de caráter de higiene social, com indispensável *proibição do casamento de doentes e degenerados*. A Eugenia, porém, não consiste apenas no impedimento de uniões condenáveis mas, sobretudo, no incentivo de boas uniões, das quais se espera indivíduos equilibrados e de escol. O seu intento, em síntese é o seguinte:

- 1º) fazer com que as pessoas bem dotadas ou, mais claramente, as pessoas fortes, equilibradas, inteligentes e bonitas tenham maior número de filhos, para que o número médio destas pessoas, portanto, eleve-se progressivamente;
- 2º) que as pessoas inferiormente apresentáveis (doentes, tarados e miseráveis) não tenham filhos;
- 3º) que os pobres tenham menos filhos do que presentemente.”

Para PEIXOTO<sup>(11)</sup> “é a Eugenia como que o prefácio mesmo da Higiene, a higiene da espécie, que deve preceder e dominar a do indivíduo”. Para “evitar a prolongação do martírio, cumpre impedir a herança mórbida e, se possível, devidamente promover a Eugenia”. Os meios:

*proibição de casamentos entre cônjuges tarados que importa melhor ao Estado,*

*não indiferente à saúde da raça...; melhora da condição dos deficientes, degenerados, como criminosos e loucos, dando-lhes o trato humano e os recursos medicamentosos, ortopédicos e regeneradores, principalmente sob esse pretexto, para os segregar da comunidade em que as ocasiões de mal fazer, pela propagação de sua tara, transmitida a descendentes, não é caso raro...; e esterilização dos tarados, deficientes, criminosos que, tornados incapazes de procriarem, tem sido preocupação humanitária, que já entrou por higiene social na legislação de alguns estados americanos...*

Para acalmar “os atribulados espíritos, a quem uma tal intervenção profilática, de interesse coletivo e nenhum inconveniente pessoal, possa escrupulizar”, o autor pergunta: devem, ou são justos, os escrupulos por uma esterilização pessoal, que, sem ser nociva ao indivíduo, lhe limita a capacidade indefinidas de mal fazer? A profilaxia social não depende dessas prevenções necessárias, que suprimem a capacidade individual de mal fazer, sem prejuízo pessoal?”.

A Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1923, foi, de acordo com COSTA<sup>(5)</sup>, uma das mais representativas criações do corpo profissional higiênico em torno da ideologia eugênica. Como pauta de atuação, o movimento defendeu a aplicação de princípios eugênicos como meio de forjar “o futuro de uma grande raça” - a regulamentação eugênica do casamento e a criação de leis restritivas à união legal de pessoas ineptas para a “boa geração”; a esterilização eugênica e a segregação dos “tarados do Brasil” (cegos, surdos-mudos, débeis mentais e atrasados, epiléticos, toxicômanos, alienados e vagabundos). Pregava também o desaparecimento da miscigenação racial entre os brasileiros, pela exigência de proibição de imigração de indivíduos não-brancos, visando selecionar elementos capazes de se identificar com a formação do “tipo nacional” e com a predominância futura da população branca.

Ainda de acordo com COSTA<sup>(5)</sup>, as preocupações da higiene com a questão sanitária da raça levou à inclusão, na Constituição de 1934, de “restrições necessárias à garantia da integração étnica e da capacidade física e civil do imigrante”; e de itens relativos à política eugênica, a cargo da União, Estados e Municípios:

- 1º) estimular a educação eugênica;

- 2º) amparar a maternidade e a infância;
- 3º) proteger a juventude contra toda exploração, bem como, contra o abandono físico, moral e intelectual;
- 4º) adotar medidas legislativas e administrativas tendentes a restringir a natalidade e a morbidade infantis; e de higiene social, que impeçam a propagação das doenças transmissíveis;
- 5º) cuidar da higiene mental e incentivar a luta contra os venenos sociais.

Havia, à época, como se pode ver, todo um esforço conjugado da ciência, educação e legislação “incitando os brasileiros de boa vontade à luta contra a degenerescência da raça”. E, “se dois criminosos, cegos de paixão, podem ser desculpados por perpetuarem a herança mórbida, não o devem ser nem seus pais, parentes, ou a sociedade, que os acoroça, para os deplorar em seguida”. (11)

Tratava-se, pois de uma questão de amor à pátria. Patriotismo e, principalmente, submissão ao Estado e ao discurso e prática médico-sanitários hegemônicos eram (ou são?) características ideológicas da profissão de enfermagem. Assim sendo, as enfermeiras não somente incorporaram os ideais eugênicos prevalentes, como os reproduziam em seus discursos de cunho social, como poderá ser visto nos exemplos que serão apresentados no decorrer do texto.

#### 4. METODOLOGIA

Para identificação do discurso eugênico da enfermagem, procedemos, em primeiro lugar, a uma leitura em diagonal dos artigos publicados nos Anais de Enfermagem no período predeterminado. Os artigos que versavam sobre organização de escolas e serviços de enfermagem, técnicas e procedimentos de enfermagem, assistência individual hospitalar em situações cirúrgicas ou clínicas, assim como discursos, palestras e artigos científicos assinados por outros profissionais da saúde, não foram considerados.

A partir dessa leitura em diagonal, foram identificados 12 artigos que, de alguma maneira, abordavam a questão da Eugenia. Estes artigos estão listados no Quadro 1.

O próximo passo foi partir para uma leitura mais sistemática e objetiva dos artigos acima listados, buscando verificar que concepções veiculavam acerca da Eugenia e do papel social da enfermeira no “aperfeiçoamento da raça”, e que relações se poderia estabelecer entre essas concepções e o discurso médico-sanitário da época.

Esperamos que, ao final da descrição dos dados encontrados, mesmo que seu relato signifique apenas uma primeira aproximação com o tema, possa ter contribuído para a compreensão de mais um aspecto da história da profissão.

**Quadro 1-** Artigos selecionados nos Anais de Enfermagem, 1932 a 1938

Nº de Ordem	Título	Autoria	ANO	Nº	Pág.
Disc. 1	Era nova	Rachel Haddock Lobo	1932	1	5-6
Disc. 2	A enfermagem no Brasil	Edith Fraenkel	1932	1	8-11
Disc. 3	Enfermagem escolar	Zulema de Castro Amado	1932	1	31-34
Disc. 4	A necessidade da organização de um serviço social para melhorar as condições do pobre	Adelina Zourob	1933	2	27-29
Disc. 5	Prática do serviço pré-natal	Rosaly Rodrigues Taborda	1934	3	14-16
Disc. 6	<b>A eugenia</b>	<b>Lycia Ribeiro Lopes</b>	1934	3	25
Disc. 7	Princípios fundamentais da enfermeira de saúde pública.	Célia Peixoto Alves	1934	4	5
Disc. 8	O álcool e seus efeitos	Francisca Pereira	1934	5	31-32
Disc. 9	Sífilis	Mafalda Leone	1935	6	26
Disc. 10	Narrativa	Edith de Souza	1935	7	21-22
Disc. 11	Do tratamento pré-natal	Edith de Souza	1936	8	11
Disc. 12	O papel social da enfermeira	Mª Ribeiro dos Santos Fréres	1936	8	27

## 5. O DISCURSO EUGÊNICO DA ENFERMAGEM

Para a descrição das concepções acerca da Eugenia e do papel social da enfermeira no “aperfeiçoamento da raça”, utilizo os textos conforme publicados nos Anais de Enfermagem no período de 1932 a 1938, atualizando a ortografia das palavras, mas mantendo a sintaxe e a pontuação de suas autoras.

A descrição que é feita parte do pressuposto de que a palavra é “reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e, ao mesmo tempo, tem a magia de transmitir, através de um porta-voz as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas”<sup>(9)</sup>.

Nesse sentido, não para “justificar” os discursos produzidos pelas enfermeiras acerca dos “ideais eugênicos”, mas para *compreendê-los*, é importante que se tenha em mente, durante a leitura, o conjunto de condições históricas, sócio-econômicas e culturais do período em que esses discursos foram produzidos e, dentro dessa totalidade, como ocorreu o advento e a institucionalização da Enfermagem Moderna no país, e como se caracterizava a inserção da mulher na sociedade e sua atuação na esfera pública, ou seja, sua afirmação profissional e política naquele momento histórico. Tendo essa compreensão como background, vejamos como nossas precursoras expressavam seus “ideais eugênicos”.

### 1. O porquê do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública.

*“... em nossas casas, sempre se encontrou alguém disposto a passar a noite em claro e a dar medicamento à hora certa. Era isto suficiente; sendo a maioria de nosso povo analfabeto, minado por taras? Então, este povo, que forma o nosso país, poderia progredir desenvolver-se com a doença a correr-lhe o organismo, muitas vezes por ignorar as mais rudimentares regras de higiene? Como auxiliá-lo? Como abrir-lhe os olhos? E qual seria o futuro desta raça que traz consigo a abater-lhe a energia, a obscurecer-lhe a inteligência, taras que se multiplicam sob condições tão precárias? Eram estes os problemas que há muito se debatiam no Departamento Nacional de Saúde Pública. Alguns dos seus médicos, conhecedores dos métodos usados em outros países,*

*principalmente nos Estados Unidos, viram que só um serviço de enfermeiras de saúde pública, poderia solucionar este grande problema de higiene e saúde pública”.* (DISCURSO 2)

### 2. Quem é a enfermeira moderna.

*“A enfermeira moderna é ao mesmo tempo psicóloga, filósofa e socióloga (...) É a educadora dos lares, a aperfeiçoadora da raça, quando sem seu nobre mister de visitar quotidianamente as casas pobres que estão aos seus cuidados, ensina princípios de higiene e Eugenia”* (DISCURSO 1)

*“Nós somos as obreiras infatigáveis, trabalhando incessantemente, na construção de uma raça forte. E a construção dessa raça, será o alicerce, a base, o ponto de apoio de todos os empreendimentos sociais. Nada se poderá fazer sem que esse alicerce esteja consolidado. Um povo doente nada produz.”* (DISCURSO 12)

### 3. A importância do papel social da enfermeira.

*“... quando meditamos sobre as questões sociais, tão complexas, tão múltiplas, tão relevantes; quando verificamos que todas essas questões estão na dependência da saúde do povo, da Eugenia da raça, quando pensamos sobre tudo isso, é que sentimos a necessidade urgente que pesa sobre nós.”* (DISCURSO 12)

*“... verificamos o quanto é irrelevante, o quanto é grandioso, o papel social da enfermeira. Da nossa atuação como educadoras sanitárias, dependem todos os demais problemas do complexo organismo social. (...) A tarefa da enfermeira de S.P. é enorme e grandiosa! A ela compete trabalhar arduamente, em prol de um Brasil maior, de uma pátria redimida, a serviço da Humanidade!”* (DISCURSO 12)

### 4. As finalidades e funções da enfermeira de Saúde Pública.

*“A enfermeira quando entra numa casa deve estar preparada para atender não só ao doente, prestando-lhe o cuidado necessário, como também ensinar-lhe como viver no meio coletivo sem transmitir a doença; ao lado disso educar a família nos princípios de higiene e Eugenia.”* (DISCURSO 7)

“O fim principal do trabalho da Enfermeira de Saúde Pública é conservar a coletividade em boa saúde, isto é, cuidar adequadamente do doente, ensinando-lhe a evitar a propagação das doenças, assim como aos que o cercam. Isto leva a ensinar às pessoas sãs a evitar infecções possíveis de qualquer origem, ministrando a todos, os princípios fundamentais da saúde e a prolongação da vida, por meio de um viver higiênico.” (DISCURSO 3)

“É preciso combater a ignorância, os vícios e maldade dos nossos contemporâneos, lançando brados de socorro na esperança ou melhor na certeza de triunfar. Antes de pensarmos em qualquer outro problema nacional, devemos cuidar do HOMEM BRASILEIRO, regenerado pela Eugenia, e por ela tornado capaz de prolongar sua prole, feliz, forte e sadial!” (DISCURSO 6)

5. As causas dos “males sociais”.

“As causas principais da verdadeira pobreza são: o analfabetismo, o jogo, o alcoolismo, a prostituição, o abandono das famílias pelos seus chefes, os divórcios, as famílias ilegítimas, as moléstias, a falta de trabalho, o excesso de emigração e os desastres. Os vícios em geral são os mais culpados do aumento da miséria!” (DISCURSO 4)

6. Os “tarados do Brasil” e sua descendência.

“O alcoólatra é um ser desclassificado. (...) Alcoólatra, tronco de uma geração degenerada, povoador dos hospitais, hospícios e prisões, futuro hóspede de uma dessas instituições. (...) Filhos de alcoolistas, degenerados de corpo e de espírito, seres hereditariamente talhados para o mesmo caminho, campo de ação da tuberculose, fatores adjuvantes da decadência física e moral de uma nação, cujo futuro está na maioria dos casos nos hospitais ou no fundo de uma cela (...) Se a mulher de um alcoólatra concebe e levando a termo a gravidez tem como produto desta concepção um monstro, surge logo explicações as mais variadas. (...) Não, e não: foi antes de tudo a atenção dos pais desviada para o álcool”. (DISCURSO 8)

“Dentre as causas destas anormalidades (como a esquizofrenia), atribue-se papel saliente à sífilis, nos seus diversos aspectos. Espalhada em todo o universo, é a responsável por grande número de mortos, além dos degenerados e inúteis de que a nossa cognominada Cidade Maravilhosa está cheia!”. (DISCURSO 9)

“... mais de um quarto da população é oriunda de união ilegal (...) o amor livre campeia em toda a sua pujança e em surdina, desde o mais recôndito inacessível do morro carioca até ao apartamento moderno. Estas mulheres são responsáveis em grande parte pelos destinos do país, porque procriam sem medida - fracos, incapazes e tarados. Sua prole aumentará decerto, a mortalidade infantil ou crescerá um predisposto à tuberculose ou, ainda, na última hipótese, desdobrárá, daqui a duas dezenas de anos, a sua herança sífilica sobre outros descendentes!”. (DISCURSO 10)

7. As prioridades da assistência.

“A infância é o futuro: da infância advirá a superioridade ou a inferioridade de uma raça ou de uma nação!” (DISCURSO 8)

“Nenhum serviço de higiene preventiva é mais útil e dá mais resultados prontos que o de assistência à mulher grávida. (Entretanto) para não atrasar as visitas de tuberculose, muitas vezes sacrificam-se as de gestante e um tuberculoso é peso morto para a economia nacional.” (DISCURSO 5)

8. A ação necessária e os métodos possíveis.

“Os futuros construtores da família deveriam receber conhecimentos detalhados para se precaverem dos males que a todo o momento os espreitam. Constitue também um assunto de especial interesse o que se refere ao exame e tratamento pré-nupcial, cuja obrigatoriedade em breve talvez venha existir entre nós. Cercar a família dos cuidados indispensáveis, constitui um dever de humanidade. para a formação de uma raça mais forte, em prol deste Brasil promissor!” (DISCURSO 9)

“Ensinar às crianças princípios de higiene e lhes incutir hábitos sãos, é desempenhar

uma missão também importante. (Devido consistir) principalmente na prática contínua dos hábitos de higiene, sendo talvez bem importante despertar-se o desejo da perfeição física (...) pois que todo esforço que se fizer em prol da cultura física servirá à causa da saúde”. (DISCURSO 3)

“Controlar os nascimentos, esterilizar os anormais, e tornar persuasível o tratamento pré-natal, é o ideal supremo para que, amanhã, o Brasil seja uma nova ressurreição de Esparta” (DISCURSO 11)

“Profilaxia sem hospitais, sem leis que obriguem o indivíduo a cumpri-la, entre o nosso povo ainda muito ignorante, é uma mera utopia.” (DISCURSO 5)

“Deveríamos expor as figuras horrorosas das criancinhas que nascem mutiladas ou de lábios fendidos, do adulto epilético, do louco, do cego, do paralítico, do criminoso, quase todos na sua origem sífilicos, sem contar outras inúmeras formas de lues, sobressaindo ainda a degenerescência sexual (esta parte poderia ocupar um tratado de criminologia); deveríamos fazer esta exposição nos próprios consultórios, concorrendo assim para uma larga escala, uma intensíssima difusão do tratamento anti-luético. (...) Se esta idealidade fosse realizável, conforme é o desejo de todos que trabalham na maravilhosa campanha que faz a Saúde Pública. (...) o número de anormais diminuiria e, outrossim de criminosos e suicidas.” (DISCURSO 11)

9. A Eugenia: profilaxia e cura dos “males sociais”.

“É desolador o quadro que infelizmente, se nos depara a cada passo: crianças mirradas, de aspecto doentio, anêmicas, raquíticas. Como profilaxia desse grande mal, é preciso criar ou despertar a consciência do país. E uma vez a criada essa consciência, ninguém teria o direito de trazer à vida seres infelizes e doentios; seria um crime de lesa pátria, que deveria estar sujeito a penalidades previstas por lei. Só deveria nascer criança linda porque o problema estético, a harmonia da forma, a beleza, estão na dependência da Eugenia

da raça (DISCURSO 12)

“As classes cultas da sociedade brasileira (...) já compreendem a necessidade imperiosa de mediãs capazes de conduzir-nos a uma regeneração coletiva. (...) Evidentemente, não há solução para os males sociais fora das leis da biologia! (...) É isso que nos induz a pensar na conveniência urgente de reforçarmos as legiões defensoras da Eugenia do Brasil. Sem Eugenia nada teremos realizado em proveito do Brasil de amanhã! EUGENIA! IN HOC SIGNO VINCES.” (DISCURSO 6).

Comparando-se os discursos produzidos pelas enfermeiras com aqueles produzidos, no período estabelecido para o estudo, pelos “intelectuais do movimento eugênico” no Brasil, observa-se haver entre eles uma estreita, perfeita, e harmônica vinculação, presente, em especial, na concepção de que os “males sociais” tinham origem nos indivíduos “desviantes” sendo, portanto, imperativo obter deles uma conduta mais racional, higiênica e moralizada”.

Segundo essa concepção, a ciência eugênica desempenhava um papel fundamental para o progresso Brasil, condenado ao atraso se os “males sociais” não fossem higienizados. Para evitar tal “condenação”, era preciso instituir medidas controladoras não só da saúde, como também do corpo dos indivíduos das classes mais pobres, onde “pululavam os tarados e degenerados”, para torná-los menos perigosos ao “Brasil de amanhã” (leia-se às classes mais ricas, eugênicas).

Nos discursos produzidos pelas enfermeiras, da mesma forma que nos discursos dos intelectuais do movimento eugênico, perpassa o entendimento prevalente na época (?) entre as classes dominantes (portanto prevalente também no campo do cuidado sanitário), de *classe pobre* como *classe perigosa*. Isto se torna evidente na adjetivação, preconceituosa e carregada de moralismo, utilizada pelos dois grupos (o de enfermeiras e o de intelectuais do movimento), ao se referirem aos “causadores da degenerescência da raça” - seres desclassificados, degenerados de corpo e espírito, monstruosos, inúteis, fracos, incapazes, anormais, figuras horrorosas, infelizes, tarados...

Observa-se também, a vinculação entre os discursos das enfermeiras e aqueles dos intelectuais do movimento eugênico de que, dada a “ignorância” (leia-se resistência) da população, tornavam-se necessárias ações eugênicas para prevenir a multiplicação dos “tarados e

degenerados” que ameaçavam o progresso do país.

Segundo esses discursos, as medidas eugênicas, fossem elas impingidas à população mediante *ação restritiva* (regulamentação do casamento, impedimento da união legal de pessoas “ineptas”, esterilização ou segregação asilar dos portadores de taras), ou *construtiva* (educação higiênica, dirigida em especial à infância e às gestantes como forma “plasmar” a geração do futuro), eram a única salvação para o Brasil.

Esses discursos, e as práticas deles derivadas, espelhavam o modelo sanitário americano, transplantado para o Brasil por alguns dos nossos mais insígnis higienistas, os quais foram aos Estados Unidos para assimilá-lo - um modelo racista, elitista e autoritário. Exemplifica esse modelo, o método esdrúxulo de “persuasão educativa” sugerido em um dos discursos das nossas precursoras, a saber - fazer uma exposição de “tarados” nos consultórios, como uma vitrine viva de quasímodos, para “convencer” a população (de uma ignorância imensa!) a tratar a sífilis.

Embora as enfermeiras tenham defendido “ardorosamente” em seus discursos as ações eugênicas restritivas como *ideal supremo* (não se deve esquecer nunca que elas eram patriotas e queriam o melhor para o país!), sua atuação se limitava às ações *construtivas*.

Isso se deveu, em primeiro lugar, porque as ações restritivas propostas pelos eugenistas, feriam frontalmente os direitos e a liberdade individuais, sendo alvo de intensas polêmicas e de resistência à sua aplicabilidade na prática. Mesmo os mais ferventes defensores da Eugenia reconheciam que elas “trariam despesas consideráveis se tivessem de ser aplicadas com a devida extensão”. Embora os eugenistas tenham conseguido algumas vitórias, como a inclusão na Constituição de 1934 de artigos essencialmente eugênicos, não se deve esquecer que esta Constituição nunca entrou em vigor, haja vista que Getúlio Vargas, ignorando-a, governava por decretos.

Em segundo lugar, e talvez mais importante, porque o objetivo da criação da Escola de Enfermeiras foi o de possibilitar a continuidade, nos lares, através da educação sanitária, do serviço iniciado pelos médicos nos ambulatórios. Esse objetivo ilustra o pensamento predominante à época acerca da educação superior e da atuação da mulher no seio da sociedade, que eram vistas (a educação e a atuação) como um prolongamento de seus deveres no lar, conforme afirma BICALHO<sup>(2)</sup>. Segundo esta autora, o acesso da mulher à esfera pública devia corresponder à sua natural vocação (a maternidade e a educação dos

filhos).

Os higienistas, reproduzindo a ideologia prevalente acerca do papel social da mulher, defendiam a autoridade feminina no seio da família, enfatizando sua capacidade de intervenção moralizadora na sociedade e sua influência nos destinos do país.

Essa ideologia continha um apelo patriótico inegável (!) e, com a criação da Escola de Enfermeiras, abria-se para a mulher um novo campo de atuação na propagação de normas e de uma moral que deveriam reger não só a família, mas o conjunto da sociedade. Esperava-se que as *mulheres enfermeiras*, ao permutar pela “aquisição das ciências”, os conhecimentos domésticos a que se achavam antes circunscritas, agissem no sentido de diminuir o número de adeptos dos vícios que “corroíam a sociedade”.

Definitivamente, “só um serviço de enfermeiras de Saúde Pública poderia solucionar o grande problema das taras que minavam a população”. E, segundo o conteúdo dos discursos apresentados neste trabalho, as enfermeiras, “obreiras infatigáveis”, se lançaram nessa tarefa quixotesca com todo patriotismo que as caracterizava....

A uma primeira vista, a questão da Eugenia pode parecer para alguns um fato do passado. Entretanto, à guisa de reflexão, vale lembrar: a) que atualmente, cerca de 40% das famílias brasileiras vivem em situação de pobreza, com renda mensal abaixo de um quarto do salário mínimo per capita e que, destas, 45% (isto é, 4,7 milhões de famílias) encontram-se em condição de miséria, conforme atestou o Relatório Oficial do Governo Brasileiro, apresentado à Organização das Nações Unidas como uma das atividades preparatórias para a Conferência Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, ocorrida em 1992<sup>(12)</sup>; b) que há em torno de 30 milhões de crianças abandonadas, que vivem entre a fome, a mendicância, submetidas a maus tratos e expostas a drogas, violências e à morte<sup>(10)</sup>; c) que ocorrem fatos como o massacre de detentos da Penitenciária do Carandiru e o massacre dos menores da Candelária; d) que um número expressivo de mulheres brasileiras são esterilizadas às vésperas de eleições por “beneplácito eleitorcio” dos nossos políticos, os quais não encontram forma mais “prática” de resolver os problemas das famílias “socialmente desfavorecidas” do que evitar a procriação; e) que o atendimento a direitos fundamentais e inalienáveis como alimentação, moradia, educação, trabalho, acesso a serviços de saúde, entre outros, não é prioridade do Estado.

Assim sendo, o tema EUGENIA nos parece ex-

tremamente atual. Esses fatos não são, afinal, uma forma de controle, ou extermínio, sutil (?), velada (?), tão agressiva quanto a ação ou intenção eugenética do início do século?

É preciso, pois, que estejamos atentas àquilo que

dizemos e, sobretudo, àquilo que fazemos, pois nosso papel social (tão propalado) pode estar correndo o risco de significar, apenas e nada mais, do que conivência e cooptação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALCÂNTARA, Glete de. *A enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira*. Ribeirão Preto, 1966. 117p. Tese (Cátedra) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.
2. BICALHO, Maria Fernanda Baptista. O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org.) *Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice/Fundação Carlos Chagas, 1989. p. 79-99.
3. CANESQUI, Ana Maria. Trajetória da educação popular nas instituições de saúde. In: PAIVA, Vanilda (org.) *Perspectivas e dilemas da educação popular*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 315-324.
4. CHALHOUB, Sidney. A guerra contra os cortiços: cidade do Rio, 1880-1906. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1990. 48p. (Primeira Versão, n. 19)
5. COSTA, Nilson do Rosário. Estado, educação e saúde: a higiene da vida cotidiana. In: *Cadernos do CEDES: Educação e Saúde*. (3. reimpressão). São Paulo: Cortez/CEDES, 1987, n. 4, p. 5-27.
6. FONTENELLE, J.P. Higiene da raça. In: \_\_\_\_\_ *Compêndio de higiene*, 3. ed., Rio de Janeiro: Canton & Beyer, 1930. p. 759-771.
7. GERMANO, Raimunda Medeiros. *Educação e ideologia de enfermagem no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1983, 118p.
8. GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Rio de Janeiro/Lisboa: Editorial Enciclopédia Ltda, s.d.p., v. 10, p. 630-631.
9. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC/ABRASCO, 1992. 269p.
10. \_\_\_\_\_. A situação social brasileira e os desafios para os profissionais de saúde - década 80-90. Congresso Brasileiro de Enfermagem, 41, Florianópolis, 1989. *Anais...* p. 86-91.
11. PEIXOTO, Afrânio. Higiene da espécie: herança mórbida e eugenia; profilaxia social. In: \_\_\_\_\_ *Higiene*. 6. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938. p. 20-25 (v. 2, Medicina Preventiva).
12. UMA SAÚDE deplorável. *O Norte*. João Pessoa, 31 de maio, 1992. Caderno 3, p. 8.

Recebido para publicação em 28.11.1993